

## ESCOLA BILÍNGUE DE SURDOS: UMA ANÁLISE SOBRE A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE SURDA A PARTIR DE UMA EXPERIÊNCIA NO INSTITUTO TRANSFORMAR

Maria Rerbelânia de Souza pereira<sup>1</sup>

Lara Paulino Cazé<sup>2</sup>

Veronica Nogueira do Nascimento<sup>3</sup>

Marla Vieira Moreira de Oliveira<sup>4</sup>

### RESUMO

O presente estudo analisa a construção da identidade surda a partir de uma experiência vivenciada em uma escola de Surdos localizada no Cariri Cearense. O Instituto Transformar foi uma instituição filantrópica que existiu na cidade de Juazeiro do Norte e contribuiu para a formação de uma comunidade surda na região, construindo também identidades. A pesquisa parte do âmbito dos Estudos Surdos em Educação e explora a importância deles na construção de uma identidade surda e na fortificação das lutas da comunidade surda. Elaborado com o objetivo de entender a relação entre a Escola Bilingue de Surdos e a construção da identidade surda no sujeito, o trabalho distingue a instituição bilingue de surdos das inclusivas e especiais, e elenca aspectos culturais que constituem a identidade, trazendo uma análise sobre as experiências vivenciadas por um surdo. O artigo trata-se de uma pesquisa de cunho bibliográfico e documental, onde realizou-se um estudo de caso tendo como instrumento de coletas de dados a entrevista semiestruturada, a qual foi aplicada na língua materna do entrevistado. As respostas foram traduzidas para a Língua Portuguesa e examinadas considerando a análise de conteúdo de Bardin (2011). O entrevistado foi escolhido a partir de critérios relacionados a sua vivência pessoal nos diferentes âmbitos de ensino, atuação de liderança na comunidade surda do cariri e engajamento no movimento social da mesma. Para tanto, a base teórica principal vale-se de autores como Skiliar (1997; 1998; 2010), Campelo e Rezende (2014) e Perlin (2016) que discutem as temáticas analisadas. Os resultados trazem para o debate o que é de fato uma educação inclusiva para pessoas surdas e mostra a influência da escola bilíngue de surdos na promoção de sujeitos surdos com uma identidade surda fortemente ancorada na militância.

**Palavras-chave:** Educação de Surdos; Escola Bilingue de Surdos; Identidade Surda.

Durante muito tempo a educação de surdos esteve disfarçada por um modelo de educação inclusivista, onde a maneira de inserir o aluno surdo dentro da escola era buscar alternativas de concertar aquilo que a priori era tido como um defeito, no caso, a surdez, descartando, até certo ponto, os outros canais de percepção e aprendizado e

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras Libras pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB; Graduada em Letras Portugêses pela Universidade Regional do Cariri – URCA; Mestranda em Educação pela Universidade Regional do Cariri – URCA, [maria.pereira@urca.br](mailto:maria.pereira@urca.br);

<sup>2</sup> Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará - UECE, Mestranda em Educação pela Universidade Regional do Cariri – URCA, [larapaulinocaze@gmail.com](mailto:larapaulinocaze@gmail.com);

<sup>3</sup> Mestra em Desenvolvimento Sustentável pela Universidade Federal do Cariri – UFCA; Mestranda em Educação pela Universidade Regional do Cariri – URCA, [veronycanogueira@gmail.com](mailto:veronycanogueira@gmail.com);

<sup>4</sup> Professora orientadora: Pós-doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Professora Adjunta do Departamento de Educação da Universidade Regional do Cariri – URCA, [marla.vieira@urca.br](mailto:marla.vieira@urca.br)

consequentemente não respeitando a identidade do sujeito surdo (Skliar, 2010). Atualmente os surdos lutam por uma educação que respeite as suas necessidades, contemplando língua, cultura e identidade. Uma escola que valorize as diferenças, que acolha o surdo por completo em todas suas potencialidades, esta é a escola bilíngue de Surdos.

A cidade de Juazeiro do Norte/CE pertence à região denominada Cariri Cearense e está localizada ao sul do Estado do Ceará, o qual, com os outros oito estados, integra a região Nordeste do Brasil. Nesta cidade houve um instituto que funcionava como uma autêntica escola bilíngue de surdos. Além de mudar significativamente a vida de muitos surdos da nossa região, o INTRA fomentou a criação de uma comunidade surda no cariri.

O Instituto Transformar é uma entidade filantrópica e sem fins lucrativos que surgiu da a partir da necessidade de implantação de uma educação voltada para os surdos na região do Cariri cearense. Anteriormente conhecida como Associação Caririense de Deficientes Auditivos – ACADA, esta Organização da Sociedade Civil - OSC foi criada por Marli Gavioli e pelo casal missionário Jhonn Peterson e Ivan Jean Peterson, com apoio do Seminário Batista do Cariri, atual Faculdade Batista do Cariri, e no ano de 2001 foi registrada como INTRA. Neste centro educacional para surdos era desenvolvido o aprendizado por meio de atividades de alfabetização e letramento da Libras como língua materna e da Língua Portuguesa como segunda língua, além das disciplinas curriculares comuns, respeitando sempre as diferenças educacionais inerentes a este público, algo que até então não era efetivo na Educação em virtude da política educacional das escolas especiais, bem como a visão social da surdez (OLIVEIRA, 2020).

Embora não haja uma escola bilíngue para surdos na região, existe uma Comunidade Surda ativa que luta por essa causa. Por isso, destacamos a importância de pesquisas na educação de surdos e nos sentimos conectadas a essa causa por sermos membros da Comunidade Surda do Cariri, professoras de surdos, membros de associações de intérpretes de língua de sinais e da Associação de Surdos de Juazeiro do Norte, além de alunas do curso de Estudos Surdos em Educação.

Este estudo busca aprofundar as concepções sobre estudos surdos, à luz dos estudos culturais, abordando identidade, diferenças e sua importância para o desenvolvimento educacional. Compreendemos a educação como um processo contínuo de construção e desconstrução de conceitos, sendo necessário entender os processos identitários e ampliar a compreensão sobre ensino e inclusão. Sendo assim, o objetivo geral é investigar a relação entre a Escola Bilíngue de Surdos e a construção da identidade

surda. Consideramos que a educação bilíngue é a melhor forma de promover a aprendizagem dos surdos, consequentemente os nossos objetivos específicos incluem: distinguir escolas bilíngues das inclusivas e especiais; identificar elementos culturais da identidade surda; e analisar, por meio de entrevista, como as experiências educacionais influenciam essa identidade.

## **ESTUDOS CULTURAIS E ESTUDOS SURDOS EM EDUCAÇÃO**

Ao falar de um modelo educacional que realmente inclua o sujeito surdo, levando em conta suas especificidades, habilidades, aspectos culturais e identitários, ultrapassando a visão clínica da surdez como deficiência, nos conectamos com uma abordagem teórica dos Estudos Surdos. Essa perspectiva nos leva a refletir sobre a importância de considerar esses fatores para compreender e aprimorar um processo educacional verdadeiramente inclusivo para o aluno surdo.

Nesse sentido os Estudos Surdos emergem a partir de uma intelectualidade influenciada pelos Estudos Culturais, pois enfatizam na sua concepção as definições de cultura, diferenças, identidades, e relações de luta de saberes e poderes. Segundo Skliar:

Os Estudos Surdos se constituem enquanto um programa de pesquisa em educação, onde as identidades, as línguas, os projetos educacionais, a história, a arte, as comunidades e as culturas surdas são focalizadas e entendidas a partir da diferença, a partir de seu reconhecimento político. (Skliar, 2010, p. 5)

Dessa maneira, os Estudos Surdos ganham destaque a partir de lutas contra as definições hegemônicas de surdez dadas por meio das concepções ouvintistas que enxergam o sujeito surdo como deficiente auditivo, focalizando apenas no canal de falta, a audição. Nessa ótica os Estudos Surdos trazem para a sua comunidade concepções de que o ser surdo é uma definição identitária que está ancorada na diferença e não focada na deficiência. Sendo assim, o surdo não é diferente do ouvinte apenas porque não ouve, mas também porque desenvolve aspectos socioculturais específicos de suas potencialidades. Para Sá (2006), “a distinção entre surdos e ouvintes envolve mais que uma questão de audiologia, é uma questão de significado: os conflitos e diferenças que surgem referem-se a formas de ser.”

É nesse sentido que os Estudos Surdos se tornam importantes na concepção de uma educação para surdos, pois é o ponto de partida para se pensar em um processo educacional que seja capaz de reconhecer o sujeito surdo em suas diferenças, destacando suas potencialidades, fortalecendo uma conjuntura de destaque para sua construção cultural e fortalecimento de sua identidade. Com esse pensamento, emerge uma nova

concepção sobre surdez, sujeito surdo e educação para surdos, destaca-se o uso da língua como símbolo de luta e representatividade.

## **POLÍTICAS PÚBLICAS EDUCACIONAIS E AS ESCOLAS PARA SURDOS**

Atualmente há três especificidades na educação nacional presentes nas políticas públicas que podem afetar diretamente as pessoas surdas. Sendo elas: educação especial, educação regular inclusiva e educação bilingue.

A primeira delas é a Educação Especial é uma modalidade que atravessa todas as etapas educacionais, assim como outras formas de ensino. De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), ela proporciona uma série de recursos e serviços educacionais especiais, estruturados para apoiar, complementar e, em alguns casos, substituir os serviços educacionais convencionais (BRASIL, 1996). O propósito da Educação Especial é garantir a inclusão no ambiente escolar e aumentar o desenvolvimento das capacidades dos estudantes com deficiência. A instituição de ensino que usa essa modalidade é chamada de Escola Especial, onde as turmas são mistas de alunos com deficiência, independente de qual seja, e o professor ensina a todos os alunos.

Outra abordagem adotada atualmente é a Educação Inclusiva, diferentemente da Educação Especial, não é uma modalidade específica, mas sim um procedimento metodológico adotado dentro do âmbito da educação básica. Seu objetivo principal é assegurar um atendimento satisfatório e igualitário a todos os alunos, independentemente de suas diferenças e necessidades específicas (BRASIL, 2001). Ao invés de separar os alunos com deficiência em ambientes distintos, a Educação Inclusiva busca promover o respeito à diversidade e oferecer suporte adequado para que todos os estudantes possam participar plenamente do ambiente escolar e desenvolver seu potencial. A escola inclusiva é o modelo mais comum na maioria dos sistemas educacionais.

Um dos maiores desafios em uma sala de aula inclusiva é a gestão de alunos surdos em um ambiente de fato inclusivo. Quando citamos o Atendimento Educacional Especializado (AEE), por exemplo, temos uma sala de aula diferente da sala de aula regular, que funciona geralmente com um único regente para atender todas as demandas escolares a respeito dos alunos com demandas específicas.

Damázio afirma que:

Na escola comum, é ideal que haja professores que realizem esse atendimento, sendo que os mesmos precisam ser formados para ser professor e ter pleno domínio da Língua de Sinais. O Professor em Língua de Sinais, ministra aula utilizando a Língua de Sinais nas diferentes modalidades, etapas e níveis de ensino como meio de comunicação e interlocução (DAMÁZIO, 2007).

Desse modo, o primeiro fator que nos vem à mente é pensar na limitação com relação a formação para a própria comunicação entre regente e aluno surdo. Haja vista que para uma verdadeira comunicação com uma pessoa surda é necessário o domínio da Libras. A inclusão de crianças surdas nas escolas regulares tem sido uma questão extremamente complexa e controversa o que tem gerado uma série de mudanças a respeito da efetivação desses sujeitos dentro do processo de ensino e aprendizagem, vale ressaltar que, segundo Skliar (2010) essas mudanças não começam a partir do processo de escolarização e sim nas concepções a respeito do sujeito surdo, a descrição em torno da língua e conseqüentemente a relação entre surdos e ouvintes.

Por fim, a Educação Bilíngue para Surdos reconhece a Língua Brasileira de Sinais como primeira língua dos surdos e o português escrito como segunda língua. A LDB garante que a educação bilíngue seja disponibilizada em escolas ou classes bilíngues dentro de escolas regulares. A Lei 13.146. de 2015<sup>5</sup>, Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, também determina que os governos ofertem educação bilíngue.

Dentro da escola bilíngue o projeto político pedagógico, os conteúdos curriculares a metodologia, a pedagogia surda e demais aspectos devem englobar uma filosofia bilíngue em que o surdo é visto pela perspectiva da diferença, explorando uma pedagogia visual. Alunos surdos e ouvintes que são filhos de pais surdos podem estudar nessa escola. Acreditamos que incluir é dar condições, respeitar a cultura e acolher a língua de sinais, por esta razão uma escola de fato inclusiva para os surdos seria a escola bilíngue de surdos.

Enfim, estamos construindo a nossa política da verdade: as escolas bilíngues de surdos não são segregadas, não são segregadoras e nem segregacionistas como tem alardeado tanto o ministério da educação. Pelo contrário, são espaços de construção do conhecimento para o cumprimento do papel social de tornar os alunos cidadãos verdadeiros, conhecedores e cumpridores dos seus deveres e defensores dos seus direitos, o que, em síntese, leva à verdadeira inclusão (CAMPELLO; REZENDE, 2014, p. 89).

Assim como a Comunidade Surda brasileira, a Comunidade surda local tem hoje a escola bilíngue para surdos como principal meta, posto que nela a criança surda tem sua Identidade Surda firmada. Isto acontece porque ela trabalha com Literatura Surda, Escrita de Sinais, Artefatos Culturais e Aquisição da Linguagem, sendo este último o fator de maior necessidade, uma vez que a maioria das crianças surdas nascem em lares ouvintes (SKLIAR, 2010).

---

<sup>5</sup> Disponível em [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm).

## **METODOLOGIA**

Para realização da pesquisa, fizemos uma abordagem teórica, baseada em estudos publicados, como destaca Gil (2002), pois está pautada em estudos científicos já realizados na área dos estudos surdos. Com a finalidade de dar mais empirismo ao estudo, realizamos uma entrevista semiestruturada, caracterizada por Triviños (1987) como questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa. O entrevistado foi escolhido a partir de critérios relacionados à sua vivência pessoal, sendo considerado um surdo de referência na comunidade surda do cariri por ser uma liderança local e perpassou múltiplas esferas educacionais.

A análise dos dados foi feita a partir do direcionamento da análise de conteúdo que, segundo Bardin (2011). Seguindo as concepções da autora a respeito desse tipo de estudo, a realizamos três etapas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados obtidos e interpretação.

Na primeira organizamos os textos e os documentos a serem estudados, elaboramos as perguntas da entrevista a partir das hipóteses de nosso. A entrevista foi realizada em Libras, assim o registro da sinalização ocorreu através de gravação de vídeo que posteriormente foi traduzido para a Língua Portuguesa. Na fase exploração do material organizamos os dados e buscamos efetivar as hipóteses levantadas na pré-análise, para a concretização do objetivo geral do estudo. Na fase final fizemos o tratamento dos resultados obtidos e interpretação, retornando ao referencial teórico e nos aprofundando na leitura para uma melhor compreensão dos fatos abordados.

## **UMA ANÁLISE SOBRE A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE SURDA A PARTIR DE UMA EXPERIÊNCIA REAL**

Em nossa pesquisa optamos por organizar em quatro partes: Quanto a língua de Língua Brasileira de Sinais, entendendo o processo de aquisição da língua, L1 e L2 e fatores socioemocionais; Experiências escolares, explorando relatos e visões acerca das modalidades e tipo de educação; Vivências e identidade, assimilando as práticas na comunidade com a língua e a forma a qual o sujeito de identifica; Sobre políticas educacionais para surdos, captando a perspectiva do entrevistado a respeito das principais políticas proporcionadas. No entanto, para fins deste trabalho nos delimitaremos as respostas que envolverem diretamente a nossa hipótese.

O entrevistado é um homem de 38 anos de idade, autodeclarado branco e estudante. Nasceu surdo em um núcleo familiar composto em sua maioria por pessoas

ouvintes, apenas sua irmã mais velha também era surda. Eles se comunicavam apenas com uma pessoa e por gestos pois não conheciam a Libras. Ainda criança foi matriculado em uma escola regular, mas a permanência não foi possível devido ao alto grau de bullying sofrido, “[...] estudei em escola inclusiva e chorava muito porque as crianças faziam bullying comigo. Eu chorava muito, não tinha Libras, meus colegas faziam gestos feios simulando palavrões e me discriminavam chamando de surdo mudo [...]”.

Juntamente com sua irmã, ele teve uma aquisição da língua tardia, após os 12 anos de idade na APAE, uma escola de educação especial. Porém a Libras era pouco explorada e sem contextualização. A sala de aula era composta de alunos com idades e deficiências diferentes, como síndrome de down, cegueira e surdez. Segundo ele, o único momento satisfatório para ele era quando ocasionalmente reuniam os surdos em círculo e deixavam que eles interagissem. Percebemos então que era o momento com a sua língua materna e com os seus semelhantes em que ele se sentia mais feliz. O aprendizado era extremamente limitado e sem aplicação metodológica apropriada para surdos, ocasionando a repetição dos anos escolares constantemente, somente quando houve a mudança da escola especial para a escola bilíngue de surdos que ele começou a aprender de fato e sua vida mudou para melhor.

Na APAE o estudo era repetitivo: desenho, pintura, aprender Libras, e o ciclo se repetia. O professor acreditava que era tudo igual [sobre as formas de aprender] a pessoa surda, com síndrome de down, com baixa visão. Agora quando eu mudei para o INTRA minha vida mudou. Na aula eu aprendia, me ensinavam. Eu evoluía e aprendia de verdade, queria aprender.

Lopes e Veiga-Neto (2011) problematiza a postura predominante de ouvintes em relação à educação de pessoas surdas, apontando que, em muitos casos, a voz e a vontade dos surdos são negligenciadas. Os ouvintes se colocam como os únicos aptos a decidir o que é melhor para os surdos, assumindo uma posição de tutela que ignora a capacidade de autodeterminação dos surdos. Esse comportamento reflete uma lógica de ouvintismo, onde a racionalidade e autonomia dos sujeitos surdos são subestimadas, perpetuando um controle exercido pelos ouvintes sobre os espaços e escolhas dos surdos.

No que tange a identidade, temos aqui uma colocação estereotipada do sujeito surdo, onde este estereótipo impede a colocação do mesmo em um lugar diferente, que não seja posicionado pelo fator considerado deficiência, falta de audição. Tal colocação não leva a pessoa surda a política de representatividade e identidade surda. Segundo Perlin (2016), o estereótipo sobre a surdez impede a aceitação da identidade surda, pois a

distorce e a torna incompatível com a identidade ouvinte. Essa representação imobiliza o surdo, dificultando a construção de uma política de identidade adequada e autêntica.

A cidade de Juazeiro do Norte teve uma escola de surdos que, embora seu início estivesse ligado à religiosidade, e, posteriormente tenha se tornado um instituto, é considerada a primeira escola bilíngue da região Caririense por ter uma atuação, natureza ideológica, currículo e conteúdo específico de acordo com o que se configura uma escola bilíngue, isto é, a prática educativa da escola envolvia a língua materna como protagonista. Conforme Oliveira (2020), o INTRA foi responsável por iniciar uma Comunidade Surda local composta por associações de surdos, pastorais de surdos, associações de intérpretes, entre outras associações e organizações.

Em 1984, Dr. John E. Peterson ministrou o primeiro curso de LIBRAS no Cariri, no Seminário Batista do Cariri e realizou um levantamento sobre a população surda local. Essas ações iniciais impulsionaram a educação e a formação da comunidade surda, que antes vivia em condições de exclusão social, sem acesso à escola ou outras formas de instrução (Oliveira, 2021).

O INTRA teve grande influência na implementação do curso de Licenciatura em Letras Libras na Universidade Federal do Cariri – UFCA, e na Lei municipal 3. 656, de 23 de março de 2010, que institui a obrigatoriedade da inclusão da Língua Brasileira de Sinais no currículo escolar no município (Oliveira, 2021). Embora a aplicabilidade da última lei referida não seja efetiva, são inegáveis as contribuições do INTRA, que hoje é visto como um patrimônio cultural pelos membros da comunidade, deixando um legado pautado na construção social da diferença.

O entrevistado, ao ingressar no INTRA aos 16-17 anos, relatou que o ensino bilíngue, em uma escola de surdos e em sua língua materna, despertou seu interesse por aprender português e outras disciplinas. Ele destacou o gosto por português, geografia e matemática, afirmando que seu aprendizado evoluiu significativamente em comparação à educação especial anterior. O único aspecto negativo mencionado foi o término das aulas, pois não gostava que acabassem.

Aos 22 anos, com o término do ensino fundamental e a necessidade de ingressar no ensino médio, o entrevistado mudou-se para a escola regular, dita educação inclusiva. A princípio ele temeu que assim como na sua infância, novamente sofresse bullying, mas não houve. Ainda assim sentia saudade do INTRA e se sentia excluído pois “[...] pois nos momentos do intervalo os ouvintes se dispersavam e ficava sozinho, até que vinha um amigo surdo e conversava em Libras. Havia cerca de 3 a 4 surdos na escola e os ouvintes

não interagiam com eles.” O acompanhamento do Tradutor Intérprete de Libras acontecia, mas o acompanhamento do Atendimento Educacional Especializado – AEE, ocorreu raríssimas vezes.

Tudo isso o fez perceber que a melhor escola para ele foi a bilíngue para surdos e que os surdos devem estudar em um ambiente que de fato explore suas potencialidades. Hoje ele atribui à esta escola a razão de ter conseguido chegar no ambiente acadêmico, dizendo que “[...] o INTRA incentivou a ser um líder dentro da minha comunidade, eles diziam que os ouvintes já tinham lideranças e era a vez dos surdos, então isso me tocou.” Como um dos líderes da comunidade Surda hoje a principal pauta é a criação de uma escola bilíngue de surdos na cidade de Juazeiro do norte, uma vez que o INTRA fechou há anos.

Percebemos que ele tem uma identidade surda bastante politizada quando ele diz que somente a escola bilíngue incentiva a aprendizagem, a experiência de luta, com um despertar do interesse. “O indivíduo acorda e pensa: preciso lutar! Preciso ajudar! Ele sente isso. “Eu quero lutar, aprender, eu sou resistência. Força e atitude.” A identidade política é aquela fortemente marcada pela militância, assumindo uma posição de resistência. Essas características são mais presentes em surdos que pertencem à comunidade surda e passam aos outros surdos sua cultura, sua forma de ser diferente (PERLIN, 2016).

Ele vê algumas políticas de inclusão como incomparáveis em relação a educação bilíngue de surdos, uma vez que somente ela possui tantas características estimulantes para a criação de uma identidade surda firmada e consciente. Nesse aspecto ele aponta a literatura surda como a principal maneira de adquirir uma consciência de uma cultura surda e fomentar uma identidade. A existência de uma cultura surda ajuda a construir uma identidade das pessoas surdas.

A escola bilíngue é melhor em relação ao ensino de Libras nas escolas porque ela é completa: as disciplinas, a comunicação, a cultura, a troca entre os pares é melhor. Enquanto que nas outras: o foco é na disciplina de Libras, falta envolvimento, falta cultura surda. Na escola bilíngue tem professor surdo ou ouvinte fluente, os alunos veem e querem adquirir a língua, o professor passa a ser um modelo. Quando o professor é surdo as crianças aprendem rápido e se tornam líderes, querem ser iguais, se sentem representados, adquirindo também a vontade de lutar conforme se desenvolve.

O entrevistado ainda atribui ao INTRA sua identidade surda, responsabilizando a escola por seu envolvimento com a comunidade surda do cariri, a associação de surdos o qual ele faz parte e já foi presidente, e principalmente sua identidade firmada em

liderança, não como algo pronto e imutável, mas como uma consequência da identidade e da responsabilidade.

Demorou para a criação do INTRA que me incentivou a chegar na UFCA, eu olho para essas outras escolas e penso: hoje eu consegui, eu não perdi, certo, entrei na faculdade, quero continuar a luta pelas escolas bilíngues. Espero que as crianças surdas cresçam e não passem por isso.

Eu já fui presidente da associação dos surdos (2018) e vice presidente do intra (2015), amei a experiência. Me sinto um líder da comunidade surda, as pessoas me procuram quando precisam de atenção, estão preocupadas ou com alguma dúvida. Eu percebo, aceito e as ajudo. Às vezes me pergunto: Eu sou líder de verdade? Eu não me percebia antes como líder, eu ajudava quem me procurava, pediam para que eu organizasse festas, palestras e coisas do tipo. Mas as pessoas me percebiam enquanto líder. Então eu comecei a me perceber diferente. Para ser líder precisa ter ação, preocupação e proteger as pessoas. Não pode uma associação de surdos faltar isso. Precisa de proteção contínua.

Para muitas pessoas surdas, a identidade surda é um aspecto fundamental de sua vida e uma fonte de orgulho. A conexão com a comunidade surda pode proporcionar um sentimento de aceitação, compreensão e apoio, especialmente em ambientes onde a cultura surda é valorizada e respeitada. Essa identidade é frequentemente construída em torno do uso da Língua de Sinais como meio principal de comunicação, bem como da participação em eventos e atividades culturais e sociais específicas da comunidade surda.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir das nossas análises foi possível perceber que a escola bilíngue de surdos cria nos sujeitos surdos uma identidade surda fortemente ancorada na militância. E que embora a identidade surda seja diversa e multifacetada, assim como qualquer outra identidade cultural, ela inclui o uso da Libras e experiências compartilhadas pelos membros da comunidade surda. Na escola bilíngue, esses elementos são valorizados e respeitados, proporcionando um ambiente onde a cultura surda é reconhecida e celebrada e a existência de uma cultura surda ajuda a construir uma identidade das pessoas surdas.

Dentre as escolas elencadas, a única que verdadeiramente contempla a necessidade linguística e cultural do surdo é a escola bilíngue de surdos. Portanto incluir verdadeiramente é proporcionar condições de aprendizado, respeitando a cultura e identidade. Atualmente as escolas bilíngues para surdos é a principal luta da comunidade surda. Ela fortifica a identidade cultural do povo surdo por trabalhar com literatura surda, escrita de sinais e dispor de professores surdos bilíngues, atenta à necessidade linguística diferenciada da criança surda em processo de aquisição, uma vez que apresentam atividades que estimulam a aquisição de forma natural.

Além disso, o INTRA como escola bilíngue contribuiu para o processo de ensino e de aprendizagem do nosso entrevistado, fomentando sua liderança e fomentando uma

identidade surda. Encorajo e apoio a continuação desses estudos e o aprofundamento do conhecimento sobre a educação bilíngue para surdos e a construção da identidade surda. Acredito que o compartilhamento de informações e a pesquisa contínua são essenciais para criar um ambiente educacional e social mais inclusivo, onde todos possam ser reconhecidos e valorizados em suas identidades culturais e linguísticas.

## REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

Brasil. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: *Diário Oficial da União*, nº 248, de 23 de dezembro de 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Diretrizes Nacionais para a educação especial na educação básica**. Brasília: MEC; SEESP, 2001. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/diretrizes.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2022.

DAMÁZIO, M. F. M. **Atendimento Educacional Especializado: pessoa com surdez**. Brasília (DF): SEESP/ SEED/ MEC, 2007.

GIL, Antônio Carlos, **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

SÁ, Nídia Limeira de. **Cultura, poder e educação de surdos**. São Paulo: Paulinas, 2006

SKLIAR, C. (Org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 2010.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

LOPES, Maura; VEIGA-NETO, Alfredo. **Inclusão como dominação do outro pelo mesmo**. VII Colóquio Internacional Michel Foucault. São Paulo: PUC-SP, 2011.

OLIVEIRA, M. S. A. **Preconceito e discriminação em histórias sinalizadas surdas em Juazeiro do Norte – CE**. 2020. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) – Centro de Educação, Universidade Regional do Cariri, Crato, 2020.

CAMPELLO, A. R.; REZENDE, P. L. F. Em defesa da escola bilíngue para surdos: a história do movimento surdo brasileiro. **Educar em Revista**. Curitiba, n. 2. p. 71-92. 2014.

PERLIN, Gladis T.T. Identidades surdas. In: SKLIAR, Carlos (org.). **A Surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 2001.

PERLIN, Gladis T.T. Identidades surdas. In: SKLIAR, Carlos (org.). **A Surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 2016